

A LITERATURA COMO TESTEMUNHO DA GUERRA NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA FEMININA: O OLHAR DE SVETLANA ALEKSIEVITCH

*LITERATURE AS TESTIMONY OF WAR IN THE CONSTRUCTION OF FEMALE
MEMORY: THE PERSPECTIVE OF SVETLANA ALEXIEVICH*

*LA LITERATURA COMO TESTIMONIO DE LA GUERRA EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA
MEMORIA FEMENINA: LA PERSPECTIVA DE SVETLANA ALEKSIEVITH*

Fabiana da Silva Araújo¹
Thays Carvalho Cesar²

Resumo

Este trabalho discute a importância da literatura de testemunho na construção das memórias das mulheres que participaram na Segunda Guerra Mundial, destacando as dificuldades e preconceitos enfrentados por elas na guerra, a partir de relatos testemunhais obtidos por Svetlana Aleksievitch para seu livro *A guerra não tem rosto de mulher*. Este propósito será alcançado com uma revisão bibliográfica qualitativa, desenvolvida por meio de imersão na crítica literária feminista, textos teóricos sobre memória e relato testemunhal, bem como mediante análise de dois depoimentos do livro mencionado. A pesquisa evidenciou que as mulheres ainda sofrem preconceitos e são silenciadas e apagadas da história e da literatura e que Aleksievitch fez uso da literatura de testemunho para dar voz e resgatar as memórias de mulheres que participaram ativamente da Segunda Guerra Mundial e haviam sido esquecidas.

Palavras-chave: literatura; Segunda Guerra Mundial; memória; testemunho; mulher.

Resumo

This article explores the importance of testimonial literature in shaping the collective memory of women who actively engaged in World War II, highlighting the challenges and prejudices they faced during the war, based on testimonial accounts obtained by Svetlana Alexievich for her book *War's Unwomanly Face*. This purpose will be achieved through a qualitative literature review, conducted through immersion in feminist literary criticism, theoretical texts on memory and testimonial narrative, and the analysis of two testimonies from the mentioned book. The research has shown that women still face prejudices are silenced and erased from history and literature. Alexievich used testimonial literature to give voice and rescue the memories of women who actively participated in World War II and had been forgotten.

Keywords: literature; World War II; memory; testimony; women.

Resumen

Este trabajo discute la relevancia de la literatura testimonial en la construcción de memorias de mujeres que participaron en la II Guerra Mundial, destacando las dificultades y prejuicios enfrentados por ellas en la guerra, a partir de testimonios obtenidos por Svetlana Alexievich para su libro *La guerra no tiene rostro de mujer*. Este propósito se logrará mediante una revisión bibliográfica cualitativa, desarrollada a través de la inmersión en la crítica literaria feminista, textos teóricos sobre la memoria y relatos testimoniales, así como por medio del análisis de dos recuentos del citado libro. La investigación mostró que las mujeres aún enfrentan prejuicios y son silenciadas y borradas de la historia y la literatura, y que Alexievich hizo uso de la literatura testimonial para dar voz y rescatar la memoria de mujeres que participaron activamente en la Segunda Guerra Mundial y habían sido olvidadas.

Palabras-clave: literatura; II Guerra Mundial; memoria; un testimonio; mujer.

¹ Acadêmica no curso de Letras no Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: phaby2011@hotmail.com

² Docente no Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: thays.c@uninter.com

1 Introdução

A obra *A guerra não tem rosto de mulher*, escrita por Svetlana Aleksievitch, contém relatos de mulheres que atuaram ativamente na Segunda Guerra Mundial. Ao longo de dois anos, a escritora visitou e entrevistou mulheres que estavam dispostas a rememorar os horrores vivenciados e “contar a guerra” por meio do olhar feminino que, como a própria autora menciona, “tem suas próprias cores, cheiros, sua iluminação e seu espaço sentimental” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 12). Rememorar eventos traumáticos como os ocorridos na guerra é paradoxal, pois ao mesmo tempo em que se quer esquecer o que se viu e sofreu, se faz necessário lembrar, pois, como afirma Fabrício Paiva Araújo (2016, p. 51), “o resgate do passado é de vital importância para que a memória revele a história, a identidade e conserve o testemunho”. Neste contexto, a literatura surge como instrumento que “tem a capacidade de lidar com memórias ao permitir diversos pontos de vista e dar voz àqueles que não teriam outro canal de expressão” (ARAÚJO, 2016, p. 51).

Assimilar o trauma, segundo Jeanne Marie Gagnebin (2006, p. 51), acaba por ferir e separar o sujeito da linguagem. Rememorar e traduzir em palavras tais vivências que, muitas vezes, podem se tornar traumáticas, é um desafio tanto para as testemunhas, que precisam lembrar essas dores do passado, como para quem escreve que, ao ouvir as narrativas das testemunhas, acaba por se tornar uma também.

Diante disso, este artigo abordará a construção da memória das mulheres que participaram da Segunda Guerra Mundial, apontando as dificuldades, preconceitos e superações, por meio de relatos testemunhais obtidos por Aleksievitch em entrevistas realizadas para o livro *A guerra não tem rosto de mulher*. Aleksievitch (2016, p. 14) conta que muitas vezes teve que fazer mais de uma visita às entrevistadas para colher as informações de que precisava, pois elas se negavam a reviver acontecimentos que lhes foram traumáticos.

Sabe-se que a luta feminina por um tratamento equitativo teve início há muitos anos e, desde então, a mulher vem obtendo importantes conquistas, porém continua sofrendo preconceitos todas as vezes que se propõe ocupar lugares ou executar atividades que são vistas como “coisas de homem”.

Sendo assim, esta pesquisa se justifica pelo interesse em estudar a importância da literatura de testemunho na construção da memória das mulheres que participaram da Segunda Guerra Mundial, destacando as dificuldades e preconceitos sofridos por elas, a partir de relatos testemunhais obtidos por Aleksievitch para seu livro *A guerra não tem rosto de mulher*. Descreve a mulher que lutou no *front* por meio dos relatos obtidos pela autora e reflete sobre

a importância do ato de testemunhar para romper o silêncio sobre as mulheres que estiveram na guerra. Além disso, esta pesquisa se propõe avaliar a importância da literatura de testemunho para a construção da memória dessas mulheres.

A metodologia adotada será a pesquisa bibliográfica qualitativa, desenvolvida por meio de imersão na crítica literária feminista, textos teóricos sobre memória e relato testemunhal, bem como mediante análise de dois relatos do livro *A guerra não tem rosto de mulher* de Svetlana Aleksievitch.

Além desta introdução, o trabalho será estruturado em três sessões: “Svetlana Aleksievitch e a crítica literária feminista – um panorama”, que incluirá um breve perfil bibliográfico de Aleksievitch e uma sucinta apresentação de características e objetivos da crítica literária feminista; “A literatura memorialística e de testemunho”, onde serão apontadas algumas características do gênero e “A guerra, a memória e a mulher”, cujo objetivo será analisar dois relatos do livro *A guerra não tem rosto de mulher*, mostrando como essas mulheres rememoram a guerra e fazem das palavras ferramentas para trazer à tona o indizível e para narrar os desafios e preconceitos sofridos durante e depois da guerra. Nas considerações finais será retomada a base teórica, a qual será relacionada com os dados dos dois testemunhos escolhidos para serem analisados nesta pesquisa.

2 Svetlana Aleksievitch e a crítica literária feminista – um panorama

De acordo com Greicy Pinto Bellin (2011, p. 2), a crítica literária feminista iniciou o seu trabalho a partir da releitura de obras do cânone ocidental escritas quase todas por homens. Ela tinha como objetivo focar nos personagens femininos com intenção de denúncia, uma vez que a crítica afirmava que as mulheres dessas obras quase sempre se configuravam como seres passivos e não tinham influência no desenrolar da ação dos romances ou, como indica Figueiredo (2020, p. 91), quando eram rebeldes e apaixonadas e ousavam enfrentar a sociedade patriarcal, quase sempre morriam no fim do romance, pois, uma vez que boa parte do público leitor de romances como *Tristão e Isolda*³, *Madame Bovary*⁴ e *Anna Karenina*⁵ eram mulheres, o mau exemplo deveria ser punido para não ser imitado.

A crítica literária feminista possui duas vertentes. A primeira, também chamada de revisionista, busca evidenciar o papel da mulher como leitora e a segunda foca a mulher como escritora. Nas palavras de Harold Bloom (2003, p. 24 apud SOUZA, 2021, p. 506), revisionismo

³ Tristão e Isolda de Richard Wagner, publicado em 1865.

⁴ Madame Bovary de Gustave Flaubert, publicado em 1856.

⁵ Anna Karenina de Liev Tolstói, publicado em 1877.

é “um redirecionamento ou uma segunda visão, que leva a uma estimativa ou uma avaliação”. Desta forma, a tendência revisionista busca fazer uma revisão das obras escritas por homens e a partir daí discutir a representação de personagens femininas construídas sob a perspectiva masculina. As produções desta vertente coincidem com a primeira fase do movimento feminista e, como explica Bellin (2011, p. 2), se revelou bastante produtiva, pois gerou inúmeras análises das representações femininas em obras escritas por homens.

De acordo com Souza (2021, p. 507), a revisão dos textos patriarcais é uma forma de se romper com o silenciamento, uma vez que possibilita uma leitura crítica, que leva à superação dos estereótipos do feminino. Ou seja, a crítica literária feminista revisionista torna-se uma forma de subversão e não tem o intuito, como afirma Bellin (2011, p. 5), de acusar homens de serem machistas, mas de mostrar como a mulher é representada na literatura levando em consideração questões históricas, sociais e culturais.

Na segunda vertente da crítica literária feminista, ao buscar delimitar o seu campo de estudo, o foco sai da análise do estereótipo presente nas obras escritas por homens, passando a se concentrar em obras escritas por mulheres. De acordo com Elaine Showalter (1994, p. 29 *apud* FIGUEIREDO, 2020, p. 89-90), a crítica feminista passa, então, a estudar a mulher escritora em suas nuances. Por exemplo, a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas de seus escritos; a psicodinâmica da criatividade feminina; a trajetória da carreira feminina individual ou coletiva; e a evolução e as leis de uma tradição literária de mulheres.

Para Bellin (2011, p. 5), a expressão criativa feminina foi moldada ao longo do tempo pela condição da mulher na sociedade, que por muito tempo foi marginalizada, e a ela não cabia o direito de ler e muito menos de produzir literatura. Quando alguma mulher desafiava a sociedade e publicava algo que escrevera, como Rachel de Queiroz ao publicar *O quinze*, era comum que fosse desacreditada e ouvisse discursos como o de Graciliano Ramos (2005, p. 194 *apud* FIGUEIREDO, 2020, p. 88) que disse: “Seria realmente de uma mulher? Não acreditei. Lido o romance e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça. Não há ninguém com esse nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado.”

Assim, como mostram Isabella Aparecida de Souza Lisboa (2020, p. 45) e Eurídice Figueiredo (2020, p. 90), a crítica literária feminista tem se esforçado para romper com as ideias do patriarcado e resgatar escritoras esquecidas e silenciadas. A esse respeito, Virgínia Woolf já trazia os seguintes questionamentos:

Mesmo a investigação mais superficial sobre a escrita das mulheres, logo suscita uma porção de perguntas. Por que, por exemplo, não houve uma produção contínua de escrita feita por mulheres antes do século XVIII? Por que elas, nessa época,

escreveram quase tão habitualmente quanto os homens e no desenvolvimento dessa escrita criaram, um após outro, alguns dos clássicos da ficção inglesa? Por que então sua arte assumiu a forma de ficção e por que isso, até certo ponto, ainda prevalece? (WOOLF, 2014, p. 170 apud LISBOA, 2020, p. 45).

Woolf, com seus questionamentos, demonstrava a sua preocupação com a falta de espaço para as escritoras. De acordo com Figueiredo (2020, p. 86), as mulheres escrevem há muito tempo, porém pouco do que é escrito é publicado. Esses escritos, com frequência, eram mantidos em sigilo. A título de exemplo, a autora conta que, após certo discurso feito pelo avô de Lygia Fagundes Telles, uma tia deixou o hábito de escrever seus poemas, guardou-os e pediu que seus escritos fossem enterrados com ela. A respeito do silenciamento sofrido pelas escritoras, Virgínia Woolf diz o seguinte:

Basta pensar um pouco para ver que nós fazemos perguntas para as quais só iremos obter, como resposta, mais ficção. A resposta atualmente está fechada em velhos diários, afundada em velhas gavetas, meio apagada na memória dos antigos. É para ser encontrada nas vidas obscuras — nesses corredores quase sem luz da história onde figuras de gerações de mulheres são tão indistintas, tão instavelmente percebidas. Porque sobre as mulheres muito pouco se sabe. A história da Inglaterra é a história da linha masculina, não da feminina. De nossos pais sempre sabemos alguma coisa, um fato, uma distinção. Eles foram soldados ou foram marinheiros; ocuparam tal cargo ou fizeram tal lei. Mas de nossas mães, de nossas avós, de nossas bisavós, o que resta? Nada além de uma tradição. Uma era linda; outra era ruiva; uma terceira foi beijada pela rainha. Nada sabemos sobre elas, a não ser seus nomes, as datas de seus casamentos e o número de filhos que tiveram (WOOLF, 2014, p. 170, apud LISBOA, 2020, p. 45).

Assim como Virgínia Woolf, Aleksievitch também faz uma crítica ao silenciamento feminino na história e na literatura. No início de seu livro, Aleksievitch conta que o que a levou a escrever mais uma obra sobre a guerra foi o fato de que, apesar de já haver numerosos livros sobre o tema, eles foram escritos por e sobre homens. Dessa forma o que se sabia sobre a guerra, se sabia pela “voz masculina”. Conforme menciona a autora, somos todos prisioneiros de representações e sensações “masculinas” da guerra. Das palavras “masculinas”. “Já as mulheres estão caladas” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 11).

A partir do relato de Aleksievitch, podemos situar o livro *A guerra não tem rosto de mulher* como uma obra literária que surge para quebrar o silenciamento imposto às mulheres que fizeram parte da história em um momento tão conturbado, ao reconhecer, como assevera Lisboa (2020, p. 44), “a presença do feminino [...] nas frentes de batalha [...] em vez de apenas situá-las nas enfermarias ou em casa esperando os homens da família que foram para a guerra como comumente acontece em livros, filmes, documentários etc.”

Segundo Portal (2021, p. 74), Svetlana Aleksievitch nasceu na Ucrânia em 1948 e viveu a maior parte de sua vida na Bielorrússia. Formou-se em jornalismo pela Universidade de

Minsk. Trabalhou em jornais e na revista literária *Neman*, para a qual escreveu ensaios, contos e reportagens. Seu primeiro livro publicado foi *A guerra não tem rosto de mulher*, em 1985; a partir daí, publicou outras obras compostas por relatos testemunhais de milhares de soviéticos.

No próximo tópico será abordada a literatura de testemunho, gênero no qual o livro *A guerra não tem rosto de mulher*, que faz um resgate da memória das mulheres por meio do testemunho, está inserido. Também será feito um breve apanhado sobre o testemunho e a memória e como ambos se tornam ferramentas que permitem que a literatura possa dar voz, como explica Araújo (2016, p. 51), àqueles que não tem outro canal de expressão.

3 A literatura memorialística e de testemunho

Para Araújo (2016, p. 51), a memória é importante para que se possa conservar a palavra falada, rediscutir o árduo e o obscuro, além de fazer florescer o real ou o imaginário. Segundo Fábio Augusto Scarpim e Mariana Bonat Trevisan (2018, p. 33), a memória não é uma reconstrução fiel do passado e sim uma reconstrução que está constantemente sendo atualizada, demonstrando relação afetiva e emocional com o que se passou, além de se mostrar suscetível ao esquecimento. Ela não é um produto pronto, impassível de sofrer mudanças, como é explicado no trecho a seguir por Pierre Nora:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e deformações [...]. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no tempo presente (NORA, 1993, p. 9 apud SCARPIM; TREVISAN, 2018, p. 44).

Conforme os autores, as vias de elaboração e transmissão da memória partem do indivíduo que está inserido em um grupo, levando em consideração os interesses e objetivos de todos os membros em relação ao que é importante ou não lembrar, preservar e expor. Vale ressaltar que, mesmo sendo o indivíduo quem lembra os eventos vivenciados, é o grupo social o responsável pelo que será lembrado e como será lembrado.

É por meio da memória que o testemunho é composto e revelado. Segundo Salgueiro (2012, p. 284), testemunho é o depoimento que pode ser registrado de diversas formas, como por meio de filmes, quadrinhos, de forma escrita ou oral etc. Já a testemunha pode ser tanto a pessoa que viveu a experiência e sobreviveu para depois relatar, como uma testemunha solidária, conforme explica Jeanne Marie Gagnebin no trecho a seguir:

testemunha não é somente aquele que viu com seus próprios olhos, o *histor* de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha é aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente (GAGNEBIN, 2006, p. 57).

Desta forma o testemunho tem papel importante para trazer ao presente fatos ocorridos no passado, incluindo aqueles que geraram sofrimento e assombro, como o Holocausto. Mesmo que a memória humana evite lembrar eventos traumáticos, o testemunho de sofrimentos indizíveis é importante para que tais eventos não sejam repetidos no futuro. Gagnebin (2006, p. 100-101) nos conta que, de acordo com Adorno, eventos como os ocorridos em Auschwitz não podem ser esquecidos e que deve-se fazer o possível para que não sejam repetidos; além disso, diz que nos anos 1950 e 1960, os alemães faziam de tudo para esquecer tais eventos e que, de acordo com o autor, isso acontecia pois o “peso do passado era tão forte que não se podia mais viver no presente”; esse peso, além do sofrimento indizível das vítimas, carregava também a culpa dos algozes.

Nesse contexto, como sustenta Araújo (2016, p. 51), a narrativa memorialística e testemunhal vem abrir espaço e dar voz àqueles que não têm outro canal de expressão, pois ela possui capacidade de lidar com memórias além de permitir vários pontos de vista. Sobre esse espaço que se abre às pessoas que vivenciaram eventos traumáticos, Jaime Ginzburg (2011, p. 28 apud SALGUEIRO, 2012, p. 292) declara: “Estudar o testemunho significa assumir que aos excluídos cabe falar, e, além disso, definir seus próprios modos de fazê-lo”. Assim a literatura de testemunho permite lidar não somente com os grandes feitos, mas, segundo Gagnebin (2006, p. 54), ela abarca o que é deixado de lado pela história oficial pelo fato de parecer ser insignificante ou sem sentido, ou seja, o trauma, o sofrimento indizível, aqueles que não têm nome.

De acordo com Araújo (2016), a literatura testemunhal tem seus próprios interesses e com frequência eles se opõem ao senso geral e universal. Para o autor:

Narrar o testemunho exige o compromisso com a análise de si mesmo e com a análise do outro. A complexidade que envolve o fluir da narrativa testemunhal e sua utilidade converge para a relação entre o passado e o presente, onde a transmissibilidade das lembranças é essencial para entender as ações do homem perante as experiências que se herda dos acontecimentos (ARAÚJO, 2016, p. 52).

Desta forma, segundo Benjamin (1987, p. 201 apud ARAÚJO, 2016, p. 52), o narrador incorpora as experiências acima citadas à experiência dos seus ouvintes por meio da narrativa.

Aqui, se torna válido destacar que a obra de Aleksievitch tratada neste trabalho, apesar de reunir depoimentos de mulheres reais, não se trata de um texto histórico e sim de um texto literário tecido à luz da literatura de testemunho. Logo, o compromisso de Aleksievitch não é narrar os fatos tais como aconteceram, o que seria trabalho da história, e sim tecer seu texto segundo a verossimilhança.

Conforme Aristides Ledesma Alonso (2009, n. p.), tudo o que tem relação com o campo das possibilidades simbólicas referidas ao homem e à história, em uma narrativa, trata-se de verossimilhança. Esta “situa a mimese na fronteira do possível, objeto morfológico da mimese por excelência e não verdade ou realidade em qualquer de suas acepções” (ALONSO, 2009, n. p.).

No próximo tópico, serão analisados dois relatos do livro de Svetlana Aleksievitch e, a partir destes, será trabalhada a construção da memória das mulheres que estiveram no *front* da Segunda Guerra Mundial, tendo como suporte para tanto, o estudo teórico do testemunho, da memória e da literatura de testemunho.

4 A guerra, a memória e a mulher

Neste item serão analisados os relatos *Em nossa casa vivem duas guerras... e De repente me deu uma vontade enorme de viver...*, do livro *A guerra não tem rosto de mulher* escrito por Svetlana Aleksievitch, sob a ótica da literatura de testemunho, em busca de compreender como se constrói a memória da mulher que esteve no *front* da Segunda Guerra Mundial.

A luta feminina por um tratamento equitativo e o seu devido reconhecimento na história é algo que teve início há muitos anos e, mesmo assim, a mulher continua sofrendo os mais diversos tipos de preconceitos e apagamentos em importantes momentos históricos, como bem podemos observar no seguinte trecho, o qual foi narrado por Olga Vassílievna em entrevista a Svetlana Aleksievitch:

Levou dezenas de anos para que a famosa jornalista Vera Tkatchenko escrevesse sobre nós no jornal central Pravda, sobre o fato de que também estivemos na guerra. E sobre haver mulheres combatentes que ficaram sozinhas, que não reconstruíram a vida e até hoje não têm um apartamento. Tínhamos uma dívida com essas mulheres. Então, passaram a prestar um pouquinho mais de atenção às mulheres que lutaram no front. Elas tinham por volta de quarenta, cinquenta anos, moravam em alojamentos. Finalmente começaram a oferecer apartamentos para elas. Minha amiga... não vou dizer o sobrenome, vai que ela se ofende... Era enfermeira militar... ferida três vezes... a guerra acabou e ela ingressou na faculdade de medicina. Não achou nenhum dos parentes, morreram todos. Vivía numa pobreza terrível, à noite fazia faxina em prédios para ter o que comer. Não confessava a ninguém que era ferida de guerra e que tinha direito a pensão; rasgou todos os documentos. Perguntei: Por que você rasgou? Ela disse chorando: E quem ia casar comigo? Bem, neste caso, falei, você fez certo. Ela

chorou ainda mais alto: “Aqueles papéis viriam em boa hora agora. Estou muito doente.” Você imagina, chorando (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 142).

Como é possível observar no trecho anterior, Olga Vassílievna conta que, por muito tempo, as mulheres que combateram ficaram à margem e passaram por dificuldades para se reestabelecerem no pós-guerra. Além disso, é notável o preconceito que sofriam por ter ido para o *front*, a ponto de elas preferirem passar por dificuldades financeiras a admitirem que lutaram na guerra. Como se seus feitos fossem algo indigno e motivo de vergonha. O preconceito sofrido pelas mulheres após o fim da guerra também é perceptível nos seguintes trechos:

[...] Eu não usava nem as condecorações. Em uma ocasião as tirei e não pus mais. Depois da guerra eu trabalhava como diretora de uma fábrica de pão. Fui a uma reunião, e a diretora de um conglomerado, também mulher, viu minhas medalhas e falou na frente de todos: Por que está usando isso, como se fosse um homem? Ela mesma usava uma medalha de trabalho, trazia sempre na jaqueta, mas minhas condecorações de guerra não a agradavam por algum motivo. Quando ficamos a sós na sala, contei tudo sobre a Marinha, ela ficou incômoda; mas aí perdi a vontade de usar as medalhas. E agora não uso mais. Mas tenho orgulho (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 141).

À noite nos sentamos para tomar chá, a mãe levou o filho para a cozinha e chorou: ‘Com quem você casou? Uma do front... Você tem duas irmãs mais novas. Quem vai casar com elas?’. Mesmo agora quando me lembro disso, dá vontade de chorar. Imagine: eu tinha levado um disquinho que adorava. Nele, tinha a seguinte letra: ‘e você tem o direito de usar os sapatos na última moda’... Falava de uma garota do front. Eu pus o disco, veio a irmã mais velha e o quebrou na minha frente; disse: ‘vocês não têm direito nenhum’. Eles destruíram todas as minhas fotos do front... Ah, meu bem, não há palavras para isso. Eu não tenho palavras... (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 387).

Com base nos trechos acima, nota-se que a cultura machista e patriarcal está profundamente enraizada nas mais diversas sociedades e culturas ao redor do mundo. Muitas vezes são as próprias mulheres que agem de forma a destratar e subjugar aquelas que têm um comportamento diferente do que a sociedade diz ser o “correto”. Por exemplo, Olga Vassílievna, no primeiro trecho, foi destrutada pela diretora da empresa onde trabalhava por usar as medalhas recebidas pelo serviço prestado durante a guerra. No relato seguinte, Tamara Umniáguina é maltratada pela mãe e irmãs do seu marido, por ter ido lutar na guerra.

Em um contexto de guerra, espera-se que os homens combatam em nome da pátria. Eles que são, como diz uma das entrevistadas por Aleksiévitich (2016, p. 156-157), os noivos, heróis e vencedores. Enquanto o comportamento esperado para a mulher é que fique em casa aguardando o retorno dos homens da família. Quando a mulher deixa o lar para lutar na guerra, o tratamento recebido ao retornar é o que foi descrito nos trechos acima.

Muitas vezes o preconceito tem início durante a guerra, durante o alistamento ou no campo de batalha, como ilustrado pelo trecho a seguir:

Fui correndo para o centro de alistamento: usava uma saínda de tear e calçava uns chinélinhos emborrachados, mas pareciam uns sapatinhos com fivela, era o último grito da moda na época. Pois fui lá com essa saínda, esses chinélinhos, e pedi para ir para o front, me mandaram. Subi num carro. Chegamos à unidade, era uma divisão de caçadores, estava perto de Minsk, e me disseram: ‘que serventia você tem aqui?’, disseram: ‘Os homens vão ter vergonha de umas meninas de dezessete anos começarem a combater’ (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 381-382).

Pode-se observar no relato de Tamara Umniáguina acima transcrito, que as moças eram tratadas como se não tivessem capacidade para combater e, em algumas ocasiões, os responsáveis pelo alistamento queriam recusá-las, pois os homens da divisão poderiam se sentir incomodados por terem que lutar ao lado de mulheres. É como se os homens se tornassem menos homens por terem que dividir um espaço e atividades com uma mulher, por vê-las em um ambiente que, cultural e socialmente, é tido como exclusivamente masculino.

Por meio do relato de Olga Vassílievna é possível perceber que o ambiente de guerra é masculino e que esta forma de pensar está profundamente arraigada, a ponto de, ao mostrar uma foto sua vestida com seu uniforme da marinha para a sua neta, a criança perguntou se antes a avó era um menino:

“será que sou eu mesma?” ri Olga Vassílieva, sentada ao meu lado no sofá, segurando uma foto em que aparecia com um uniforme de marinheira e condecorações de guerra. “Quanto mais olho para essas fotografias, mais me surpreendo. Saul mostrou para nossa neta de seis anos e ela perguntou: ‘Vovó, antes você era menino, né?’” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 136).

Segundo Aleksievitch, muito já se escreveu sobre a guerra, mas grande parte do que se conhece foi escrito do ponto de vista masculino, ponto de vista esse que difere do feminino, de acordo com o trecho a seguir:

“Nós tivemos duas guerras... isso é um fato...” Saul Guénrikhovitch entra na conversa. “Começamos a nos lembrar e eu sinto que ela está lembrando da guerra dela, e eu da minha. Eu tive coisas assim como, isso que ela contou da casa ou como elas fizeram fila para a menina que tinha voltado de casa. Mas não me lembro disso... Passou batido... Na época isso parecia bobagem. Ninharia (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 139).

O marido mencionado na entrevistada declara que, apesar de terem participado da mesma guerra, parece que lutaram em guerras diferentes. Ele pareceu apagar da memória todos os eventos que eram carregados de sentimentos por parecerem, nas palavras dele, ninharia. Ele explica também que quando vai falar sobre a guerra com os netos, conta as histórias da esposa, pois eles se interessam mais pela guerra do ponto de vista dela. Ele afirma ter um “conhecimento mais concreto da guerra, mas ela tem o sentimento. E o sentimento é sempre o mais brilhante, sempre mais forte do que os fatos” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 140). Isso se dá, pois como a

própria Aleksiévitich atesta, a guerra vista pelas mulheres “tem suas próprias cores, cheiros, sua iluminação e seu espaço sentimental” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 12).

Essa diferença entre a percepção de Olga e seu marido é passível de explicação científica. Segundo Ariel L. Rolnik (2005, p. 149), a memória é processada em partes diferentes do cérebro masculino e feminino. Enquanto as mulheres utilizam mais as partes anteriores do cérebro, os homens utilizam esquemas mais simples. Desta forma, observa-se que há uma exigência de uma elaboração mais detalhada da memória pelas mulheres enquanto há maior atenção aos tópicos gerais da informação que está sendo processada pelos homens. Além disso, como asseguram Scarpim e Trevisan (2018, p. 33), a memória demonstra uma relação afetiva e emocional com o passado, emergindo de forma pessoal.

Assim, como o marido da entrevistada sugere, parece que as mulheres viveram uma guerra a parte, justamente por não conseguir se desvencilhar do emocional. Para elas parece ainda mais difícil rememorar tudo o que ocorreu nos campos de batalha, como podemos perceber no trecho abaixo:

Assim que começo a contar vou ficando doente. Conto, mas por dentro pareço uma geleia, tudo treme. Vejo tudo mais uma vez, imagino: os mortos deitados ali, com a boca aberta, alguém que estava gritando e não terminou o grito, vísceras reviradas. Vi menos madeira do que mortos... Como é terrível! Como é terrível o combate corpo a corpo, em que o soldado vai com uma baioneta... Com a baioneta nua. Você começa a gaguejar, passa alguns dias sem conseguir falar direito. Perde a fala. Será que alguém que não esteve lá consegue entender? E como contar? Com que rosto? Outros conseguem, de algum jeito... São capazes. Mas eu, não. Eu choro. Porém é necessário para que isso fique. Precisamos transmitir. Em algum lugar do mundo nosso grito deve ser guardado. Nosso berro... (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 389).

Segundo Carolina P. R. Maciel (2016, p. 75-76), o ato de testemunhar traz uma possibilidade de se apresentar certas narrativas que tenham peso traumático e inenarrável, além de “fazer parte do campo da memória, em que as narrativas são fragmentos de experiências do trauma e do traumatizado”. Além disso, pelo fato de a literatura de testemunho ser uma tentativa de representar a catástrofe que é carregada de traumas, existe uma grande dificuldade por parte das vítimas de narrar o que lhes aconteceu, como é possível perceber quando a entrevistada diz: “você começa a gaguejar”; “perde a fala”; ou mesmo em: “E como contar? Com que rosto?”.

Apesar de toda a dificuldade para expor os horrores vividos e presenciados, as testemunhas sentem a necessidade de falar e isso fica exemplificado no trecho acima, quando a entrevistada diz: “Conto, mas por dentro pareço uma geleia, tudo treme”; e depois em: “Eu choro. Porém é necessário para que isso fique” e por último em: “Em algum lugar do mundo nosso grito deve ser guardado. Nosso berro”. Deste modo, a literatura de testemunho surge

como espaço para que essas testemunhas exponham para o mundo os traumas, atrocidades e horrores sofridos e/ou vistos pois, como sustenta Maciel (2016, p. 75), ela dá “voz às narrativas de minorias, de sobreviventes de holocaustos e de outras formas de genocídio, repressão e violação dos direitos humanos”.

Segundo Aleksievitch (2016, p. 14), era comum que as mulheres tivessem dificuldade de narrar o que foi vivido nos campos de batalha, fazendo com que a entrevista fosse feita em vários encontros. Essa perda da fala, como sugere a entrevistada no trecho acima, é explicada por Gagnebin (2006, p. 51). Para a autora, o que foi vivenciado na guerra é tão traumático que se torna impossível ser assimilado por palavras, uma vez que o trauma “fere, separa, corta ao sujeito o acesso ao simbólico, em particular a linguagem” (GAGNEBIN, 2006, p. 51).

Mesmo que esses acontecimentos sejam tão difíceis de serem rememorados, elas não querem/podem esquecer, como afirma uma das entrevistas: “Não somos capazes de esquecer. Não está em nosso poder, [...] Eu queria viver pelo menos um dia sem guerra. Sem nossa memória dela... Nem que fosse um dia só.” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 142). Segundo Gagnebin (2006, p. 14), sofrimentos indizíveis como os sofridos pelas entrevistadas na Segunda Guerra Mundial, apesar de traumáticos, são memórias que não devem ser esquecidas para que não possam ser repetidas. E a memória funciona justamente como um instrumento de representação do passado que permite, como garantem Scarpim e Trevisan (2018, p. 35), revisitar fatos acontecidos e constantemente reconstituir o que passou, ainda que essa reconstrução não seja fiel, para que desta forma o ser humano possa nortear seu presente e tenha a chance de evitar erros cometidos no passado.

5 Considerações finais

Por meio deste trabalho conclui-se que, apesar de muitas conquistas adquiridas ao longo do tempo, as mulheres ainda sofrem preconceitos e são silenciadas e apagadas da história e da literatura. Neste contexto, Aleksievitch, ao escrever *A guerra não tem rosto de mulher*, dá oportunidade para que o mundo possa conhecer a Segunda Guerra Mundial pela visão feminina, o que até então não era possível pois, como a própria autora afirma, a guerra só era contada por homens e só eram expostos os feitos masculinos (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 11).

As mulheres entrevistadas foram para o *front* e ocuparam os mais diversos postos durante o período da guerra e contaram para Aleksievitch os horrores vivenciados, além do preconceito sofrido, algumas vezes durante a guerra, outras após. Esses relatos são carregados de emoção e especialmente muita dor. Tanta dor que por vezes, as mulheres reconhecem perder

a fala e tremer quando precisam revisitar o passado. Porém, apesar da dor e dificuldade em rememorar os fatos, elas seguem em frente, pois como Tamara Umniáguina sustenta, o mundo precisa conhecer o que aconteceu na Segunda Guerra Mundial, para que tais horrores não possam ser repetidos,

A memória, por sua vez, como dizem Scarpim e Trevisan (2018, p. 33), tem o papel de reconstruir o passado e possui relação afetiva e emocional com o que passou. É através dela que se estabelece o testemunho, o qual é fundamental para trazer ao presente fatos ocorridos no passado, incluindo os que geraram sofrimento e assombro. Através da memória e dos testemunhos, a literatura de testemunho é capaz de tecer seus textos.

Por sua vez, como declara Araújo (2016, p. 51), a literatura de testemunho é de fundamental importância para aqueles que não têm voz em outros canais de expressão, pois encontram nela, espaço para contar a sua história. Logo, levando em consideração que as mulheres que foram para a guerra tinham sido silenciadas, visto que, conforme afirma Aleksievitch, até então a guerra tinha sido relatada apenas por homens, a literatura de testemunho foi de suprema importância para permitir que estas mulheres narrassem a sua história, memórias, dores e todo preconceito sofrido por terem ido para o *front*.

Referências bibliográficas

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ALONSO, Aristides Ledesma. Verossimilhança. *In*: CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**, [s. l.], 23 dez. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/verossimilhanca>. Acesso em: 29 jan. 2023.

ARAÚJO, Fabrício Paiva. Entre o lembrar e o esquecer: a construção da memória e a validade do testemunho. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria - RS, n. 16, p. 49-62, mar. 2016. Dossiê: Memória e Testemunho. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/LA/index>. Acesso em: 7 ago. 2022.

BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 7, p. 1-11, dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/12201/8846>. Acesso em: 11 jun. 2021.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2020.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006. LISBOA, Isabella Aparecida de Souza. Svetlana Aleksievitch e as mulheres do front: os estados e os corpos femininos do texto. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 42-56,

jan./abr. 2020. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/16056>. Acesso em: 23 ago. 2022.

MACIEL, Carolina P. R. Literatura de testemunho: leituras comparadas de Primo Levi, Anne Frank, Immaculée Ilibagiza e Michel Laub. **Opiniões**, São Paulo, n. 9, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2016.124618>. Acesso em: 29 jan. 2023.

PORTAL, João Camilo Grazziotin. Uma escritora da hospitalidade: as imagens da escuta de Svetlana Aleksievitch. **História e cultura**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 72-94, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18223/hiscult.v10i1.3392>. Acesso em: 3 set. 2022.

ROLNIK, Ariel L. Nem melhor, nem pior: apenas diferentes. **Ciência e Cognição**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 148-149, nov. 2005. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v06/m14570.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2023.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André du Rap). **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, p. 284-303, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22610>. Acesso em: 11 out. 2022.

SCARPIM, Fábio Augusto; TREVISAN, Mariana Bonat. **História e memória**: diálogos e tensões. 1. ed. Curitiba: InterSaberes, 2018.

SOUZA, Juliana Cristina Terra de. The Penelopiad: a voz feminina e o revisionismo crítico da tradição. **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro, n. 40, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/seminal.2021.58558>. Acesso em: 24 ago. 2022.